UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Eduardo de Paula Machado

A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA FAMILIAR NO MUSEU MARIANO PROCÓPIO: O MAUSOLÉU DA FAMÍLIA FERREIRA LAGE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Drª. Maraliz de Castro Vieira Christo.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Eduardo de Paula Machado**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201173179A** declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A construção de uma memória familiar no Museu Mariano Procópio O mausoléu da família Ferreira Lage**, desenvolvido durante o período de janeiro de 2016 a Julho de 2017 sob a orientação de **Maraliz de Castro Vieira Christo**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção cientifica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

_____

Eduardo de Paula Machado

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA FAMILIAR NO MUSEU MARIANO PROCÓPI: O MAUSOLÉU DA FAMÍLIA FERREIRA LAGE

Eduardo de Paula Machado[1]

RESUMO

O objetivo do trabalho foi conhecer o Mausoléu encomendado por Alfredo Ferreira Lage, para abrigar os restos morais de seus pais, assim como descrever as práticas de culto realizadas em torno monumento tanto por Lage, quanto por Geralda Armond. Alfredo Ferreira Lage buscou preservar a memória de seu pai para não cair no esquecimento com a fundação de Museu Mariano Procópio. Igualmente pesquisou-se sobre o artista responsável pela criação do mausoléu, José Octavio Corrêa Lima, enfatizando sua produção dos anos 30 e 40, principalmente em Juiz de Fora.

PALAVRAS-CHAVE: Mausoléu, Mariano Procópio, Corrêa Lima e Alfredo Lage.

1. Introdução

Começamos por um trecho de um artigo intitulado "Documento/Monumento", de Jacques Le Goff: "O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado a memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos."[2] A partir desse fragmento de texto, podemos dizer que os monumentos, além de exaltarem a figura do retratado, funcionavam como uma forma de aglutinação do inconsciente coletivo das pessoas.

Ao observarmos fotografias do mausoléu do casal Ferreira Lage produzidas em três momentos distintos, ou seja, em sua inauguração, em 1933, mais tarde, em 1961, com a transladação dos restos mortais Alfredo Ferreira Lage (1865-1944), e dez anos depois, com a vinda dos restos mortais de seu outro filho, Frederico Ferreira Lage (1862-1901), e da nora do casal, Alice Ferreira Lage (1864-1914), observamos que estavam presente pessoas de representando vários segmentos sociais como igreja, escolas, o executivo da cidade e os demais atores sociais, que vinham para prestigiar esses momentos, porque

> [...] desde a Antiguidade romana o monumento tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco do triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc. ; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. (LE GOFF, 1984, p. 95)

.

O Pois assim são a obras de escultor Corrêa Lima, produzidas nas décadas de 30 e 40 por meio de encomendas para a cidade, onde o "culto ao passado", procurou preservar a memória das pessoas retratadas nelas.

2. O Mausoléu de Mariano Procópio e de sua esposa Maria Amália Ferreira Lage

2.1 A família Ferreira Lage

O casamento de Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872) e Maria Amália Machado Coelho (1834-1914) ocorreu no Rio de Janeiro, em 1851, fixando residência em Juiz de Fora em 1855 [3]. Tiveram sete filhos, sendo que dois chegaram a fase adulta, Frederico e Alfredo, além de Elisa, que faleceu aos 15 anos.

Mariano Procópio deu início à construção da estrada de rodagem União e Indústria, a princípio um dos trechos ligava apenas Juiz de Fora a Petrópolis. Depois, ela foi ganhando ramais para outras localidades. O

---

[1] Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: edupmachado@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Profª. Drª.Maraliz de Castro Viera Christo.

[2] LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: Enciclopédia Einaudi. 1. Memória – História. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1984

[3] OLIVEIRA, Paulino. História de Juiz de Fora. P. 29

próprio Dom Pedro II encarregou Mariano de ficar à frente da instalação da Estrada de Ferro, cargo que ocupou até seu falecimento.

Dom Pedro II esteve algumas vezes na cidade de Juiz de Fora com a sua família. Durante essas visitas ,eles se hospedavam na Vila Ferreira Lage, construída por Mariano. Mesmo após seu falecimento, essa proximidade entre as famílias Ferreira Lage e a Imperial, continuou por meio do Alfredo e de sua mãe, tanto que seu objetivo sempre foi em preservar a memória como um próximo ao Imperador.

O hábito de colecionar era algo familiar, desenvolvido por Mariano Procópio, durante suas viagens a outros países, e pela própria Maria Amália, que, logo depois da morte do marido, estando morando com os filhos na Europa, realizou pinturas de quadros e porcelana, introduzindo obras de seu professor Bernardo Hay (1864-1935) na sua coleção.

Alfredo Lage, ao fundar o Museu Mariano Procópio em 1921, para a comemoração do centenário de nascimento de seu pai, inaugura a Sala Dom Pedro II, com peças relacionadas ao período Imperial. No ano seguinte, é a vez da Galeria com o nome de sua mãe Maria Amália, com pinturas, aquarelas, mobiliário, porcelanas, esculturas e gravuras. Mas Alfredo continuou com a ampliação do museu, com mais 11 salas, em 1931, dentre elas a sala Tiradentes. Nela cultuava-se a memória do herói mineiro, como também a de Domingos Vidal Barbosa Lage (1761-1793), que era um dos conjurados, condenado ao exílio por participar da Conjuração Mineira, em 1789, como também parente de Mariano Procópio Ferreira Lage.

Justamente na referida sala em memória a Tiradentes, em 1933, Alfredo expõe os restos mortais de seus país.

2.2 Descrição do Mausoléu

O mausoléu possui uma base, com cinco pedestais de diferentes tamanhos, e um obelisco encimado por um busto representando Mariano Procópio. Difere-se do projeto original, que continha dois pedestais, sendo que o maior, onde está apoiado o obelisco, possuía caneluras. No projeto havia também apenas um medalhão na parte da frente do mausoléu. Aí o artista também fez alterações e acrescentou mais um medalhão, na parte de trás da obra.

O monumento funerário encomendado por Alfred foi na contra mão para a época, porque com a crise de 1929, as pessoas passaram a fazer túmulos mais simples para seus entes queridos, revestidos de granito ou mármore (BORGES, 2002, p. 292), mas a sua opção foi pela verticalização com adornos e um busto em bronze.

Há em Juiz de Fora outras obras em homenagem a Mariano Procópio. Temos o monumento que fica na Praça do Riachuelo, datado de 1912, feito pelo escultor francês Joseph Louis Enderlin (1851-1941). A obra possui um degrau com um pedestal e duas placas, uma, na parte da frente, com dizeres enaltecendo Mariano como fundador de Juiz de Fora, e a outra, na parte de trás, com os nomes das pessoas integrantes da comissão organizadora que patrocinou o monumento. Em cima do pedestal, há uma coluna romana com caneluras e um busto do retratado sobre uma peanha. A segunda obra é uma herma localizada no quartel da 4º Brigada 31 de Março, ao lado do Museu Mariano Procópio.

Busto Mariano Procópio

Bustos em gesso e bronze retratando Mariano Procópio

O busto presente no mausoléu é datado de 1933. Está sobre o obelisco, possuindo um corte horizontal na base, onde há elementos ornamentais fitomórficos, como folhas de louro e carvalho. O primeiro elemento representa o reconhecimento e a vitória de um lutador, porque segundo Corot "Não há obra sem luta, sem triunfo". O segundo elemento, cultuado pelos germanos, provavelmente faz referência aos imigrantes alemães, que vieram para trabalhar na construção da estrada União e Industria e, ao mesmo tempo, simboliza uma ligação entre o céu e terra. Outros escultores, como Rodolpho Bernardelli (1852-1931), também utilizavam a flora em seus trabalhos funerários.[4] A obra é um busto à francesa, porque o retratado está utilizando roupa de época e os cabelos foram bem realizados.

Podemos comparar este busto realizado para o monumento funerário, com outras obras pertencentes ao acervo do museu. Nota-se que Correa Lima não utilizou uma peanha, mas sim uma base decorativa, como foi descrito anteriormente. Nas maquetes de hermas em gesso, produzidas por Rodolpho Bernardelli, do escritor José de Alencar, do músico Alberto Neponuceno e do General de Divisão José Siqueira de Menezes, constam alguns elementos decorativos referentes à vida do retratado. Outras obras que possamos ressaltar com esta mesma intensão decorativa são três bustos em mármore de Carrara, executados pelo escultor italiano Phascoal Fosca (? – 1929), representando os músicos Chopin, Beethoven e Haydn, com uso de livros e partituras na base no lugar de peanhas. Essas peças figuravam na sala de música da Villa Ferreira Lage, elas fogem um pouco do verismo italiano, onde o artista dá ênfase a fisionomia e a indumentária do retratado, porque nesse estilo não se utilizava base decorada.

[4] DIAS, Mariza Guimarães. Rodolfo Bernardelli 1852-1931. p. 69

Medalhões

Os medalhões ou relevos eram muito comum. Foram usados em Roma nos edifícios fúnebres, em mausoléus de grandes ou pequeno porte. (SIELBER, 2008, p 62).

Efígie de Maria Amália

Na parte externa há uma coroa de flores com folhas de louro, contendo um busto de perfil em alto relevo, com a inscrição em baixo relevo "MARIA AMALIA FERREIRA LAGE 1834 – 1914" e assinado por Corrêa Lima e datado 1933, com a marca da fundição M. Roberto.

Comemorativo à inauguração

Corrêa Lima usou a mesma fatura do outro medalhão, que está na parte da frente do mausoléu, com a diferença da inscrição em baixo-relevo, referente ao evento: "ESTE MAUSOLEU ENCERRA OS RESTOS MORTAES DE MARIANO PROCOPIO E SUA ESPOSA - Ex Snr. DOM JUSTINO de SANTANA 1º BISPO DE JUIZ DE FORA QUE CELEBROU NO MOMENTO MISSA CAMPAL".

O busto de Mariano Procópio e o medalhão de Maria Amália em gesso, foram adquiridos no mesmo ano em 1939 da encomenda do busto em bronze de Duque de Caxias para figurar na sala com o mesmo nome do homenageado.[5]

Efígie de Alfredo Ferreira Lage

Foi integrada ao mausoléu um 1961 e segue os padrões do medalhão de sua mãe. Não foi encontrada a sua autoria.[6]

2.3 Datas interligadas ao Mausoléu

Acompanhamos em pesquisa realizada nos periódicos locais os festejos realizados em torno do mausoléu.

1933

A Gazeta Comercial noticiou a vinda dos restos mortais de Mariano Procópio e de Maria Amália, do Cemitério do Catumbi, no Rio de Janeiro, para Juiz de Fora, transladados pelo filho do casal Alfredo Lage. Eles ficariam expostos na Sala Tiradentes, até a data da inumação, que ocorreu no dia do aniversário de Juiz de Fora, em 31 de maio daquele ano.

---

5 Relatório apresentado ao Sr. Governador do Estado pelo prefeito Raphael Cirigliano. Exercício de 1939.

6 Há uma placa comemorativa a esse evento de 1961, fixada na fachada do museu, de autoria do Dante Croce Gaetano (1899-1987).

MARIANO PROCOPIO

INHUMAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DO GLORIOSO FUNDADOR DE JUIZ DE FORA --- AS SOLENIDADES, HOJE, NO MUSEU

Mariano Procopio

Dona Maria Amalia

Convite para a inumação dos restos mortais do casal Ferreira Lage publicado no "Jornal Gazeta Comercial", de 31 de maio de 1933.

Dois aspectos da cerimonia realizada em Juiz de Fóra para a inhumação definitiva dos restos mortaes de Mariano Procopio Ferreira Lage, principal fundador da bella cidade mineira, e de sua exma. esposa, d. Maria Amalia Ferreira Lage, na praça do Museu Mariano Procopio. Entre as pessôas que apparecem no grupo, vêem-se o dr. Pedro Marques de Almeida, prefeito de Juiz de Fóra; o dr. Alfredo Ferreira Lage, director-fundador do Museu Mariano Procopio; os drs. André Martins de Andrade e Aprigio de Oliveira Junior, juizes de direito; o dr. Aloysio Teixeira Leite Penido, juiz municipal; o coronel Renato da Veiga Abreu, representante do general Deschamps Cavalcanti, commandante da 4.ª Região Militar; o major José Pinto de Souza, commandante do 2.º batalhão da Força Publica; os drs. José Procopio Teixeira e Eduardo de Menezes Filho e o professor Machado Sobrinho.

FILIGRANAS

O mais original luto do mundo é o usado na Polynesia. Cobre-se o rosto com um tapume feito de pedacinhos de bambú que faz o papel do véu europeu. Sobre a cabeça, um pennacho em leque, cujo tamanho corresponde á importancia e valor do defunto. Si o morto é um chefe, os seus subditos reunem-se, rasgam suas vestimentas e seus ornatos e se põem a dançar com tanto frenesi, que cáem no chão como ebrios. Essas cerimonias funebres praticam-se durante varios dias e sua duração marca o grau de veneração em que se tinha o fallecido.

Festejando o segundo centenario da «Canção Brasileira», o empresario M. Pinto reuniu em cordial almoço, que se realizou nos jardins do theatro Recreio, os criticos theatraes dos jornaes cariocas e os artistas de sua companhia, os quaes apparecem no grupo do «cliché», tomado por occasião da expressiva festa.

Ato da inumação dos restos mortais de Mariano Procópio e de Maria Amália. Fonte: Revista Fon-Fon (www.hemerotecadigtal.bn.br)

A inauguração do mausoléu ocorreu no dia 21 de junho de 1933, contando com uma série de eventos, como a inauguração da Sala Viscondessa de Cavalcanti no dia anterior, com peças doadas por ela ao Museu Mariano Procópio, e também uma missa campal presidida pelo Bispo Dom Justino de Santana.

Fotografia da inauguração do Mausoléu em 23 de junho de 1933. Nela reconhecemos Alfredo Lage, Pedro Marques, Viscondessa de Cavalcanti e Dom Justino. Fonte: Arquivo Fotográfico - Museu Mariano Procópio

O ato de expor os restos mortais dos membros da família Ferreira Lage continuou sendo realizado pela diretora seguinte do museu, Geralda Armond, na ocasião do falecimento de Frederico, filho do casal Frederico e Alice, sobrinho de Alfredo. A então diretora fez um culto à saudade, depositando flores no mausoléu do casal Ferreira Lage. Foi com ela que este monumento fúnebre passou a ser do restante família, quando trouxe do Cemitério da Glória, por ocasião da celebração do centenário da estrada União e Indústria em 1961, os restos mortais de Alfredo Lage, e depois em 1971 os restos mortais do casal Frederico e de sua esposa Alice, que contou com presença de autoridades locais e dos filhos Gabriel e Roberto, com o seguimento da Geralda de um rito feito por Alfredo, o mausoléu acabou tendo um acréscimo de mais duas campas, o que vai ser explicado logo a seguir.

1934

Para marcar o centenário de nascimento de sua mãe, Maria Amália, Alfredo fez uma série de eventos neste dia, começando por uma missa pela manhã na Igreja da Glória e, depois, serviu um chá para os visitantes, na praça onde está erguido o mausoléu, na frente do museu, "que se achava ornado com finíssimas flores" ("Jornal do Brasil", 1934)

1949

Segundo a Ata de reunião do Conselho de Amigos do Museu Mariano Procópio de 1950, houve uma "homenagem aos mortos", constando neste relatório o termo entre aspas "culto a saudade", sendo colocado uma coroa de flores, em memória ao falecimento de Frederico Ferreira Lage, sobrinho mais velho de Alfredo, nascido em Paris, no ano de 1899, e falecido em um acidente de automóvel no dia 09 de março na cidade de Petrópolis.

1961

O ato de expor os restos mortais dos membros da família Ferreira Lage, continuo sendo realizado pela diretora do museu Geralda Armond, portanto foi com ela que este passou a ser do restante família quando ela trouxe do Cemitério da Glória por ocasião da celebração do centenário da estrada União e Industria em 1961, os restos mortais de Alfredo Lage, com acréscimo de mais duas placas em bronze, uma com a efígie de Alfredo e, outra, com dizeres referente ao evento. .Nesta ocasião teve alguns de eventos para comemora o centenário da União e Indústria a inauguração da energia elétrica e a da Sala Conde de Prados.

1971

Exposição dos restos mortais de Frederico Ferreira Lage e de sua esposa Alice na sala Tiradentes. Fonte: Arquivo Fotográfico – Museu mariano Procópio

Em 1971, o ato da inumação se repete mais uma vez, porém desta são os restos mortais do casal Frederico e de sua esposa Alice. Podemos observar nesta fotografia a presença dos militares na sala Tiradentes, ao lado da mesa onde estavam expostos os restos mortais do casal. De acordo com a pesquisadora Liana Maria Reis em seu artigo "Mineiridade: identidade regional e ideologia", os militares mineiros eram considerados os "Novos Inconfidentes" por causa do movimento deflagrado como "Revolução Democrática de 64", tendo em vista que, no dia 31 de março de 1964, as tropas partiram do antigo Palacete, que pertenceu ao Frederico, onde atualmente funciona a 4ª Brigada 31 de Março. Mas, enfim, o que pretendo ressaltar aqui é a mineiridade sendo trabalhada no inconsciente coletivo, como forma de perpetuação da memória, que contou com presença de autoridades locais e dos filhos do casal Gabriel e Roberto.

No ano de 1972, Geralda Armond proferiu um discurso na cerimônia de sepultamento do General Mourão Filho, onde podemos observar muito bem essa mineiridade. "Trago a voz de Juiz de Fora, a capital revolucionária do Brasil. Falo em nome da mulher mineira, da mulher brasileira, nesta hora de dor para a pátria. General Mourão Filho, estarás sempre em nossa memória, em nossos corações: quem for brasileiro que me siga." E no Correio da Manhã foi publicada outra fala de Geralda, dizendo ser "... a representante da mulher mineira e que levava ao General Mourão Filho um recado do prefeito e da Câmara de Vereadores de Juiz de Fora, agradecendo a participação do general na luta para implantar a liberdade na Pátria.". Vale lembrar, ainda, a inauguração, por Geralda Armond, de uma sala em homenagem ao General Mourão Filho, no Museu Mariano Procópio.

3. O artista: José Octavio Corrêa Lima (1878-1974)

Escultor Corrêa Lima. Fonte: Biblioteca-Museu Mariano Procópio

O escultor José Octávio Corrêa Lima nasceu na cidade de São João Marcos, Rio de Janeiro. Começou seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes, em 1891, tendo aula de desenho com os professores Belmiro de Almeida, Zeferino da Costa e Modesto Brocos, e de escultura com Rodolpho Bernardelli. Obteve o prêmio de viagem em 1899, com a escultura " Remorso", indo para Paris. Lá encontrou-se com Bernardelli, que o sugere a ir para Roma, onde frequentou aulas de modelo vivo e visitou museus, aprimorando seus estudos. Retornando ao Brasil, participou de exposições e, em 1909, ganhou o concurso para a construção do monumento em homenagem ao Almirante Barroso. No ano seguinte, começa a trabalhar como professor de escultura na Escola Nacional, chegando a ser diretor da mesma entre 1927 a 1930, sendo sucedido por Lúcio Costa.

Durante o período que foi diretor da Escola de Belas Artes, após ouvir o então recém empossado presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, Marques Junior, resolve o problema da Sociedade concedendo um espaço para que ela continuasse as suas atividades, por causa de uma crise interna com a saída de alguns membros em 1929. No mesmo ano, Alfredo Lage recebe da Sociedade Brasileira de Belas Artes um pergaminho congratulatório pelos serviços prestados em nome da arte, pois Alfredo foi membro ativo desta sociedade, assim como o próprio Corrêa Lima, que foi seu presidente no período de 1933 a 1935, e posteriormente nomeado Presidente de Honra, cargo que exerceu até a sua morte. Portanto, podemos observar que a relação entre o escultor e Alfredo se dava pela participação nesta sociedade.

Na fotografia abaixo, da inauguração da herma em homenagem a Rodolpho Bernardelli no Passeio Público (obra de Corrêa Lima durante seu período a frente da Sociedade e patrocinada pelos membros desta e amigos do escultor homenageado), podemos ver Alfredo Lage, Elyseo Visconti, Henrique Bernadelli e o próprio Corrêa Lima, junto de outras pessoas que acompanhavam a solenidade de inauguração.

Inauguração da herma homenageando Rodolpho Bernardelli no Passeio Público do Rio de Janeiro. Fonte: Biblioteca-Museu Mariano Procópio

Outras obras do Corrêa Lima no museu

As obras do Corrêa Lima no Museu Mariano Procópio são divididas entre estatuetas, medalhões em bronze, bustos e esculturas em bronze e em gesso. Algumas delas são encomendas, como os bustos representando Viscondessa de Cavalcanti, Duque de Caxias e Maria Amália. A estatueta em bronze do Almirante Barroso foi comprada em um leilão da Coleção do Bastos Dias e a escultura " Menina e Moça" foi doada pelo escultor ao museu em 1938. Neste mesmo ano, ele teve um trabalho seu inaugurado na Praça Antônio Carlos, em homenagem a Bernardo Mascarenhas.

Título: Maria Amália Ferreira Lage
Data:1933
Dimensões: Diâmetro: 55cm / Profundidade: 5cm

Título: Maria Amália Ferreira Lage
Época/Data: Rio – 1930 ou 1932 ?
Dimensões: Altura:66,5cm / Largura:47cm / Profundidade:28cm

Título: Menina e moça
Época/Data: Circa 1915
Dimensões: Altura: 1,57cm / Largura: 46cm / Profundidade: 44cm

Título: Duque de Caxias
Época/Data: 1939
Dimensões: Altura:79cm / Largura:70cm / Profundidade:36cm
Na frente do busto: '"Ao Duque de Caxias/ Homenagem/ do Museu Mariano Procópio. "
Atrás do busto: " Itororó/ Sigam-me os que forem brasileiros! "

Título: Viscondessa de Cavalcanti
Época/Data: 1933
Material: Gesso
Dimensões: Altura:65cm / Largura:46cm /Profundidade:28cm

Título: Viscondessa de Cavalcanti
Época /Data: 1933
Material: Bronze
Dimensões: Altura:68cm / Largura:45cm / Profundidade:27,5cm
Fundição: M. Roberto – Rio

Título: Almirante Barroso
Época/Data: Paris 1909
Objeto: Estatueta
Material: Bronze
Dimensões: Altura:45,5cm / Largura:30cm / Profundidade:20cm

Outras obras do Corrêa Lima em Juiz de Fora

Na cidade temos outras obras realizadas pelo escultor Corrêa Lima. Por exemplo, as hermas em homenagem ao médico cirurgião Hermenegildo Vilaça e ao benfeitor Francisco Bernardino, localizadas na praça da Santa Casa de Misericórdia; a herma em homenagem ao Dr. João Penido Filho e um medalhão com a efígie de Theodoro de Assis, no prédio da Sede da Sociedade de Medicina. No Seminário da Floresta existe mais uma herma retratando o Coronel Francisco de Assis, sendo uma encomenda dos padres Redentoristas como forma de gratidão à família Assis Penido, e há também um monumento na Praça Antônio Carlos em homenagem ao Bernardo Mascarenhas.

Herma do Francisco Bernardino – Data 1936

Herma do Hermenegildo Vilaça – Data 1936

Herma do Dr. João Penido Filho - Data 1945

Medalhão com a efígie de Theodoro de Assis
Data 1945

Herma do Francisco de Assis
Data 1945

Monumento Bernardo Mascarenhas
Data 1938

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho buscamos mostrar as obras do Corrêa Lima, dentro e fora Museu Mariano Procópio, que chegou a ser considerado escultor de Juiz de Fora, pela quantidade de trabalhos feitos na cidade. Nesta produção, destacamos o Mausoléu da família Ferreira Lage, importante no projeto de Alfredo Ferreira Lage para a manutenção da memória de seu pai, Mariano Procópio Ferreira Lage.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Nicolau. História **da Fundição Artística no Brasil.**

BASTOS, Wilson de Lima. **Mariano Procópio Ferreira Lage, sua vida, sua obra, sua descendência.** Juiz de Fora. Caminho Novo. 1961

BORGES, Maria Eliza**. Arte Funerária no Brasil (1890-1930). Oficio de marmoristas italianos em Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

Catologo Geral das Galerias de Pintura e Escultura. Rio de Janeiro. Empr. Ind. Editora O Norte, 1923. p. 203.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos.** Editora Moraes. 1974

DEL NEGRO, Carlos. **Um escultor fluminense. J. O. Corrêa Lima.** UFRJ. S/D.

DIAS, Mariza Guimarães. **Rodolfo Bernardelli 1858-1931.** Rio de Janeiro. Museu Nacional de Belas Artes. 2008.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi. 1. Memória – História.** Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1984, p. 95-106.

LE GOFF, Jacques. Memória. In**: Enciclopédia Einaudi. 1. Memória – História.** Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1984, p. 11-50.

MEYER, F. S. **Manual de ornamentación: ordenado sistemáticamente para uso de dibujantes, arquitectos, escuelas de artes y ofícios y para los amantes del arte.** Barcelona. Editorial Gustavo Gili, S. A. 1976.

REIS, Maria Liana. **Mineiridade: identidade regional e ideologia.** Disponível em << http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2886>> acessado em 13 de abril de 2016. **Revista Kosmos.** Ano III – N. 1, Janeiro de 1906.

PINTO, Rogério Rezende. **Alfredo Ferreira Lage, suas coleções e a construção do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora, MG.** 358f. Juiz de Fora, 2008 (dissertação de mestrado, História, UFJF; sob a orientação da profª Maraliz de Castro Vieira Christo).

SIEBLER, Michae. **Arte Romana**. Ed. Taschen, 2008.

SOCIEDADE BRAILEIRA DE BELLAS ARTES. **A Sociedade Brasileira de Bellas Artes: no seu jubileu.** Rio de Janeiro: 1935